

# Economia

DÍVIDA EXTERNA

# MAÍLSON: VAMOS CORTAR MAIS.

Depois de conversar com credores, nos EUA, o ministro prometeu novas decisões contra o déficit e disse que o acordo sobre a dívida está próximo.

O ministro Mailson da Nóbrega revelou estar menos otimista do que os credores do Brasil, ao começar a encontrá-los, ontem, na suíte de seu hotel, em Nova York: para ele, o pacote de médio prazo pode ser fechado em duas semanas e, para eles, nos próximos dias, até domingo.

Um dos banqueiros que previu mais um domingo de trabalho, amargurado, pediu ao **Jornal da Tarde** que perguntasse ao ministro Mailson quando é que o Brasil vai pagar os juros de março. "Temos o compromisso de pagar os juros de março tão logo se conclua o acordo. Esse compromisso deve ser honrado", respondeu o ministro. Mas, sobre abril ele parece ter ainda muitas dúvidas.

"O que temos dito à opinião pública brasileira e a nossos credores é que o Brasil não tem condições nem está disposto a continuar pagando os juros de abril exclusivamente de suas reservas. Poderemos pagar, desde que com assistência dos credores", declarou.

Mailson da Nóbrega relacionou várias opções possíveis, como um empréstimo-ponte, um empréstimo de bancos nacionais e até uma ajuda do governo norte-americano, mas como exemplos, garantindo que nada foi posto na mesa de negociações formalmente.

Quando uma repórter lhe perguntou se os juros de abril não poderiam ser o objeto de uma negociação paralela, isolados do total relativo ao trimestre até junho, explicou que isto tudo vai ser discutido com os credores", acrescentando que não ficaria bem se eles tomassem conhecimento das intenções do governo brasileiro pela imprensa.

## Um programa maior

O influente **The Wall Street Journal** de ontem duvida da eficiência das medidas de ajustamento adotadas no Brasil, criticando, ainda, a demora na tomada de decisões.

O ministro Mailson da Nóbrega achou que o artigo, enviado pelo correspondente do **Journal** no Rio de Janeiro, Roger Cohen, "reflete de alguma forma, algumas correntes de opinião no Brasil. No dia imediato ao anúncio das medidas" — lembrou — "várias pessoas disseram que as medidas eram insuficientes. E outras, que estávamos no caminho correto. Aqui há um mal-entendido: em

nenhum momento o Brasil anunciou que essas medidas de ajustes eram por si só suficientes para resolver a angustiante questão do gigantesco déficit público no Brasil. São parte de um programa maior que envolve a adoção de várias outras medidas".

No artigo do **Journal**, o presidente Sarney é descrito como alguém que "acha que inércia é a melhor forma de segurança". Um repórter comentou com o ministro Mailson da Nóbrega que o tom do artigo era o de desconfiança, retratando o clima de indecisão no Brasil. E ele, então, respondeu: "Não houve indecisão. Pelo contrário. O governo tomou a medida, por mais dura que fosse. O que houve foi um processo de consulta dentro do próprio governo. Um processo longo de negociação, que exigiu paciência, esclarecimento e informação, e que acabou por convencer expressivas áreas do governo da necessidade das medidas".

E o ministro acrescentou: "Um país em que o governo central utiliza todas as receitas para pagar pessoal não tem futuro".

## Tetos para ministérios

As medidas não bastam para cortar o déficit até onde o ministro Mailson da Nóbrega queria. Ele ainda vai tirar 1% do PIB "em despesas de custeio, em capital para pessoal, no orçamento da União".

Foi então que o ministro revelou que está pensando em impor tetos por ministérios, e que "esta é uma idéia que já levamos ao presidente". Acrescentou: "Vendo a experiência adotada em alguns estados brasileiros, me parece que essa pode ser uma saída razoável".

Essas medidas seriam suficientes para o FMI? — perguntou um repórter. (O **The Wall Street Journal** de ontem considera que elas podem ajudar.) Mailson: "Acreditamos que estamos adotando as medidas que vão preparar o caminho para a estabilidade da economia nacional a médio prazo. Não esperamos nenhum milagre a curto prazo. Entendemos, pelas conversas preliminares com o FMI, que este é um programa passível de ser aceito".

Se aceito, o ministro já vê o próximo passo, que é retomar as negociações com o Clube de Paris, tornando-se candidato a financiament



Mailson da Nóbrega: não houve indecisão. Houve negociação.

tos de governos do mundo industrializado:

"Estou otimista. Estamos na direção correta. As medidas não foram adotadas com o objetivo de irmos ao FMI. Mas, se elas abrirem caminho, ótimo".

Mailson da Nóbrega descreveu seu encontro de 45 minutos com o presidente do comitê de bancos credores, William Rhodes, no final da manhã de ontem, como uma oportunidade em que se passou em revista alguns pontos pendentes do pacote de médio prazo, que prevê um montante de US\$ 5,8 bilhões no próximo

mês de junho. E comentou: "Nós temos razão para imaginar que estamos perto de um acordo. Existem alguns pontos pendentes. E vamos acelerar as discussões nesta semana".

As pendências, segundo o ministro, são técnicas, referindo-se às operações de reempréstimo dos depósitos que os bancos mantêm no Brasil, e o tratamento a ser dado nas operações de conversão de dívida em capital.

Moisés Rabinovici,  
de Nova York.